

# 124 Discurso não agrada a aliados

MARIA LÚCIA DELGADO\*

BRASÍLIA – A investida do presidente Fernando Henrique Cardoso na área social, ao anunciar, ontem na França, a intenção de discutir a redução da jornada de trabalho e medidas de combate ao desemprego, foi vista com descrédito pela oposição e até por alguns aliados. “O presidente diz uma coisa hoje e faz outra amanhã. Externamente, fala da questão social, mas, internamente, não investe no setor”, criticou um governista que preferiu o anonimato. “Isso é apenas retórica de quem está vendendo que o conceito neoliberal fracassou no Brasil e na América do Sul. Com essa equipe econômica, com o ajuste fiscal e os juros altos, o governo não vai implantar nenhum programa de impacto na área social. É só medo de perder as eleições”, afirmou o presidente nacional do PT, deputado José Dirceu (SP).

Fernando Henrique disse estar aberto a discutir a redução de jornada com as centrais sindicais e o setor empresarial. “Se for para reduzir a jornada sem redução dos salários é claro que concordamos plenamente”, afirmou Vicente Paulo da Silva, o Vicentinho, ex-presidente da Central Única dos Traba-

lhadores (CUT). “No passado, nos chamaram de atrasados quando defendemos a redução da jornada, o primeiro emprego e a reforma tributária”, ironizou José Dirceu.

**Crise social** – O líder do PT na Câmara, Aloízio Mercadante (SP), afirmou que durante anos o governo defendeu os conceitos do Estado mínimo, da flexibilização dos direitos trabalhistas e da desregulamentação do mercado de trabalho. “Tudo isso levou a uma grave crise social e ao desemprego, fortalecendo os que sempre buscaram um modelo de governo alternativo”, concluiu. O deputado acredita que o governo está diante de um impasse, “de um fracasso de modelo”. “Tentam agora se dissociar de conceitos que defenderam e não deram certo”, disse Mercadante.

Defensor das questões trabalhistas e do aumento do salário mínimo no Congresso, o deputado federal Paulo Paim (PT-RS) viu com sarcasmo as afirmações do presidente: “É inacreditável”. Ele e o deputado Inácio Arruda (PC do B-CE) já apresentaram uma proposta de emenda constitucional reduzindo a jornada semanal de 44 horas para 40 horas. “Ficaríamos muito contentes com as 40 horas. Isso já seria sufi-

ciente para gerar três milhões de empregos diretos”, explicou. O deputado pretende provocar a base aliada do governo para votar a favor de sua proposta que já tramita no Congresso Nacional.

Os aliados do governo não reconheceram nas declarações de Fernando Henrique – de que os partidos que o apóiam só vencerão as eleições em 2002 se forem aliados no voto, nos conceitos e no programa de governo – como uma cobrança. No sábado, o presidente defendeu, ainda na Alemanha, que os partidos governistas não apenas votem a favor do governo como também adotem sua linha ideológica.

O presidente do Congresso, senador Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA), não quis fazer comentários sobre as declarações de Fernando Henrique. “Não vejo como cobrança”, limitou-se a comentar. “Os avanços sociais não estão aparecendo porque parte da base não tem falado uma linguagem que repercute e tem criado crises político-partidárias que não deveriam ocorrer”, avaliou o vice-líder do PSDB no Senado, Romero Jucá (RR).

**Divergências** – Para o senador, o governo perde tempo administrando crises

que são fruto de divergências políticas entre os aliados. Basta lembrar as constantes indisposições entre o PFL e o PMDB, ocasionadas pela rivalidade entre seus principais representantes: Antonio Carlos Magalhães e Jader Barbalho, respectivamente. “O presidente não dirige sua fala a um ou outro partido. Veste a carapuça quem achar que deve”, completou Jucá. “Vai ser difícil o presidente discutir conceitos com os aliados porque ali impera o fisiologismo”, afirmou José Dirceu.

Segundo o líder do governo na Câmara, Arnaldo Madeira (PSDB-SP), “o debate político das idéias está em andamento” entre os partidos aliados. “O que estará em disputa nas eleições municipais e em 2002 são visões opostas da sociedade brasileira sobre os caminhos do desenvolvimento”, afirmou. Madeira assegurou que o clima dos partidos aliados no Congresso é “muito favorável”. Na opinião do líder do governo, a sociedade ficou muito abalada com a crise econômica de 1999 e vai demorar para perceber as mudanças sociais em curso.

\*Colaborou Valdeci Rodrigues